

A falta que o populismo não faz

O ESTADO DE S. PAULO

Nosso debate eleitoral soa risonho e franco diante dos conflitos mundiais tão longínquos quanto diabólicos, bem como parece até ingênua nossa preocupação com o sai ou não sai de Roseana Sarney, enquanto aqui ao lado a Argentina luta para se manter com a cabeça fora do pântano e agora, lá próximo ao mar do Caribe, a Venezuela protagoniza mais um episódio de ruptura institucional no Continente que, não faz muito, assistiu à renúncia de Alberto Fujimori.

Dado que com o Oriente Médio não temos paralelos a traçar e com a Argentina já traçamos todos os que estavam disponíveis, tomemos como tema – até para efeitos de didática eleitoral interna – os traumas políticos que se abateram sobre peruanos e venezuelanos. Guardadas todas as devidas proporções e diferenças entre um caso e outro, a respeito de um fator cumpre chamar a atenção da sociedade brasileira: o populismo, doença nada infantil do autoritarismo.

Alvo de um golpe das Forças Armadas – ato que já havia tentado contra outro governo, também como integrante da mesma corporação – Chávez, tanto quanto Fujimori, apresentou-se como salvador de uma pátria que, sem dúvida, padecia – e padece – de graves mazelas, entre elas o domínio absoluto de oligarquias mais fortes, organizadas e sofisticadas do que aquelas que conhecemos por aqui.

No Peru, a corrupção grassava, o terrorismo minava o Estado, a miséria contaminava a sociedade. Alberto Fujimori foi eleito, reeleito e por pouco tempo outra vez eleito pela ilusão de que uma força superior e arrasadora teria o condão de, num átimo, resolver todos os problemas arraigados por uma construção mais que secular de todas as distorções possíveis e imagináveis em aparelhos de Estado mantenedores do atraso.

Os argumentos de Chávez, como os de Fujimori, eram os de que, com o apoio direto do povo, seria possível promover uma limpa geral em todos os erros e, ao mesmo tempo, promover o bem-estar daqueles que social, política e economicamente sempre foram meros espectadores, quando não vítimas, do processo cruel de subdesenvolvimento institucional.

Ambos em pouco tempo tornaram-se ditatoriais, mostraram-se incapazes de administrar conflitos e contradições de forma a conduzir os respectivos países a mudanças com a preservação da democracia e o respeito a todos os grupos e estratos representados nas sociedades.

Quiseram passar por cima dos obstáculos e, na incapacidade de removê-los, pretenderam tomar atalhos respaldados na retórica e prática populistas cujo resultado, nos dois casos, foi nefasto. Fujimori caiu vitimado pela corrupção que prometeu debelar e Chávez, movido a arroubos autoritários, espetaculosos e passadistas, levou seu país ao pior dos cenários: o golpe militar, em tudo e por tudo execrável.

No Peru já se elegeu um novo governo, devolvendo àquela nação a legitimidade democrática. Na Venezuela prometem-se eleições para daqui a um ano, mas nessa altura sabe-se lá que rumo tomarão as coisas sob o controle das Forças Armadas e a presidência de um empresário sob um conselho governamental formado por 25 pessoas. Trata-se de uma anomalia.

Mas anomalia também foi a situação em que Chávez governou nos últimos três anos. Nada justifica golpes institucionais e é justamente para evitar esse risco que as sociedades devem estar atentas às qualidades e capacidades dos governantes que escolhem. A primeira desconfiança guarda relação exatamente com aqueles postulantes de palavra excessivamente fácil que elaboram soluções aparentemente lógicas, mas objetivamente inexecutáveis – pelo menos em curto espaço de tempo –, dada a complexidade do embate de forças existente em todas as coletividades.

Notadamente nas menos avançadas, onde os que perdem o poder mantêm azeitados seus instrumentos e ficam à espreita, no aguardo na primeira oportunidade de recuperar seus espaços, seja por qual método for. Os donos desses discursos que, é preciso reconhecer, em geral falam ao coração das maiorias, costumam pregar a desconstrução pura e simples de tudo o que existe, generalizando podridões incrustadas nos poderes constituídos de forma a despertar a ira do eleitorado contra tudo e contra todos.

É nesse terreno fértil que se criam. Mas, como já estamos cansados de ver, nele cultivam o germe do autoritarismo e da desorganização, cuja resultante leva os países a dar mais passos atrás do que os crédulos imaginavam que podiam ser dados para a frente a custo zero.

Pois que fique, mais uma vez, exposta a lição óbvia de que o preço do populismo é, mais dia menos dia, o retrocesso.

Pânico geral

O medo de contaminação do desgaste da candidatura de Roseana Sarney não é só daqueles que temem os efeitos da demora da desistência dela na disputa à Presidência. Os candidatos a deputado pelo Maranhão já receiam até os prejuízos que venham a ser causados pela candidatura da ex-governadora ao Senado.



DESPREZO A
POLÍTICOS E
INSTITUIÇÕES
EM GERAL
RESULTA EM
RETROCESSO